

O uso da câmera de vídeo como ferramenta trans-multi-metodológica em crises migratórias

Lisiane Machado Aguiar
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil
Professora e Pesquisadora da Universidade Federal de Roraima - Brasil
E-mail: lisiaguilar@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso metodológico da câmera de vídeo para o estudo empírico de crises migratórias. Considerando que na maioria das vezes são as narrativas midiáticas que constroem os discursos audiovisuais hegemônicos, se faz necessário incluir as populações minoritárias na produção de conteúdos comunicacionais. Dessa forma, possibilitando a ampliação do repertório de interpretações e versões sobre a imigração em massa. Por meio desses enfoques de investigação há a confluência de uma trans-multi-metodologia. Dessa forma, o investigador dotado de uma visão epistêmica ampla procederá a realizar a investigação com o uso da câmera como uma prática de conhecimentos heterogêneos. Neste enlace há uma prática de renovação de conhecimento e, portanto, de constante criação em que o desafio é romper com um saber centralizador, não apenas em teoria, mas como uma prática constante do processo de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia, transmetodologia, multimodalidade, câmera de vídeo, migração.

1. INTRODUÇÃO

“No se trata de un uso gratuito o improvisado de la cámara. Dicho uso, vinculado con el rigor, emana del contraste teórico y metodológico al investigar la representación audiovisual de la sociedad de manera interdisciplinar (...)”
(Lorite-García, 2015, p. 180).

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o desenvolvimento de uma investigação audiovisual aplicada ao uso metodológico da câmera de vídeo para o estudo empírico de crises migratórias. Este estudo começou a ser desenvolvido no *Observatório Migracom* (Grupo de Investigação da Universidade Autônoma de Barcelona), a partir da minha participação durante o intercâmbio de doutorado. Dessa forma, busco um diálogo entre a epistemologia transmetodológica e a proposta multimodal utilizando a câmera de vídeo como recurso empírico para trabalhar em crises migratórias. Por meio desses dois enfoques de investigação, há a confluência de uma *trans-multi-metodologia* em que é possível apontar três dimensões epistêmicas que oferecem boas práticas científicas junto ao uso da câmera de vídeo: a contextualização do problema/objeto situando-os em seus múltiplos âmbitos

(científicos e humanistas), a investigação empírica como recurso metodológico e a prática teórica como meio de trabalhar com as imagens de forma crítica e renovadora.

Ao participar do projeto CAPES/DGPU: *Publicidad, propaganda, alteridad y ciudadanía: estrategias transmetodológicas de análisis de la diversidad en los contextos de cambio económico y social de Brasil y de España*, foi possível não apenas estudar a perspectiva metodológica multimodal (Lorite-García, 2015, 2013, 2010, 2009, 2008, 2006), mas também trabalhar com a câmera de vídeo para a investigação: “*Estudio multimodal de la representación de la diversidad en la publicidad española y efectos interculturales en las ciudades del Mediterráneo en tiempos del crisis*” (MINECO-MIGRACOM).

Em congruência a esse processo outra linha teórico-metodológica trabalhada no Brasil, no grupo de investigação Processocom - Processos comunicacionais: epistemologia, mediatização, mediação e recepção – é a epistemologia transmetodológica (Maldonado, 2015, 2008, 2006, 2003, 2002). Com a combinação desses dois enfoques de investigação buscamos obter uma ferramenta *trans-multi-metodológica* utilizando o vídeo na investigação.

Em 2016, acompanhando a crise dos migrantes sírios que cruzavam o mar mediterrâneo enquanto estava em Barcelona, e agora atuando como professora em Roraima venho acompanhando os migrantes Venezuelanos que chegam ao Brasil. Utilizando o vídeo participativo (SÁNCHEZ e DOMÍNGUEZ, 2014) para produzir material que explore alternativas às narrativas audiovisuais hegemônicas (que condicionam nossa maneira de olhar e interpretar o mundo), ainda mais com a crise humanitária que estamos acompanhando é necessário ferramentas para reinventar-se comunicativamente.

A análise multimodal é uma perspectiva metodológica que tem como enfoque compreender o tratamento da diversidade sociocultural. Isso quer dizer que a análise de conteúdo da mostra selecionada é complementada com o estudo dos processos de produção de ditos discursos, e ambos, a sua vez, com sua recepção em determinados entornos de população diversa e da análise dos processos de dinamização intercultural ou das relações entre as diferentes culturas autóctones e de origem migrante ou estrangeira.

Para Lorite-García (2015, 2013) o estudo multimodal deve trabalhar de forma quantitativa. O quantitativo permite avaliar, por exemplo os estereótipos, tópicos, tendências socioculturais, signos de identidade e funções estéticas e compreender, assim, como aparece tratadas as migrações e em que se diferenciam da população autóctone, quais são os fenótipos, rasgos físicos e valores predominantes dos atores gravados. A partir do quantitativo se deriva ao qualitativo para reflexionar a representação audiovisual e textual desde a recepção.

Aprofundando a comunicação intercultural, propiciada nos novos entornos urbanos multi e interculturais tendo em conta os meios de comunicação.

Nesse contexto, a transmetodologia dialoga com a perspectiva multimodal oferecendo uma epistemologia adequada para construir o problema de investigação junto ao uso da câmara de vídeo. Assim, é possível pensar que essas dimensões, ao convergir, ajudam a estabelecer um uso científico da câmara de vídeo ao caráter multicontextual das investigações sobre as crises migratórias. Nesse trabalho, vamos desdobrar essa problematização acompanhando o contexto dos refugiados venezuelanos em situação de abrigo em Boa Vista/Roraima situando-os em seus múltiplos âmbitos.

2. Contextualização do problema/objeto situando-os em seus múltiplos âmbitos

Para contextualizar o problema/objeto situando-os em seus múltiplos âmbitos o investigador necessita desmitificar alguns paradigmas. O primeiro é desfazer uma lógica hegemônica que apenas busca tirar proveito da cientificidade capitalista para poder desenvolver uma ecologia científica, ou seja, é situar o conhecimento humanístico como um elemento central da investigação. Nesse contexto, a indicação principal é de aplicar mediante mostras representativas o marco de indicadores quali-quantitativos, multivariantes, objetivos, que permitam dar a conhecer o tratamento da diversidade das imagens gravadas para a partir disso, verificar sua aplicação e sugerir um tratamento adequado mediante boas práticas inclusivas.

Isso significa dar a câmara de vídeo um uso que não consista apenas em gravar imagens, mas sim confrontar conhecimentos em diálogo múltiplo com outras áreas de conhecimento (Maldonado, 2006). Por exemplo, desde uma perspectiva multimodal é possível analisar os discursos audiovisuais desde a produção, emissão, recepção e dinamização social.

Usar a câmara de vídeo no contexto migratório que estamos vivenciando dos refugiados venezuelanos é de suma importância, pois a crise política e social da Venezuela ocasiona a imigração de em média 300 pessoas diárias para o Brasil¹ e impõe um novo desafio para o país. Principalmente para o estado de Roraima que já possui 10% da população composta por venezuelanos. O Brasil reconfigurou sua lei imigratória em 2017 e passou a ser considerado um dos países signatários em direitos humanos por obter uma proposta de

¹ Dados disponíveis no Parecer Técnico nº 208/2017. Populações indígenas; Direitos Humanos; Cidadania Indígena em Fronteiras Nacionais.

inclusão social do sujeito migrante/refugiado no país garantindo, por exemplo, o acesso gratuito à saúde, educação e a inserção igualitária no mercado de trabalho.

Contudo o governo federal possui um plano de gestão questionável perante a imigração venezuelana, pois adota uma postura que impulsiona a militarização na gestão do fluxo imigratório e, ainda, cria medidas tímidas de interiorização para a redistribuição territorial dos migrantes. Não apresenta evidências de nenhum plano de capacitação profissional, validação gratuita de diploma e, tampouco, um programa de inserção no idioma local. Seguindo os mesmos passos, o governo local - municipal e estadual - ainda reforçam o discurso de ódio por meio do pedido de fechamento de fronteira e com políticas de “limpeza da cidade”, que cobrem praças com tapumes para esconder aglomerados de imigrantes e, após a remoção desses, proíbe qualquer tipo de ocupação pública por estrangeiros².

Fatos que geram um ciclo de imensa violação de direitos humanos e, apesar de uma lei já consolidada em nível constitucional, aguça a necessidade de um plano de trabalho integrado que acolha os venezuelanos respeitando as diretrizes dos direitos humanos e, principalmente, dialogando com as suas necessidades. Premissas que para serem alcançadas também perpassam a comunicação no uso da câmera de vídeo como ferramenta trans-multi-metodológica e as produções de sentido promovidas por ela.

Quando falamos em comunicação estamos falando de um oceano de possibilidades de aprendizados, ruídos e infinitas necessidades de intercâmbio, pois a comunicação é feita essencialmente de trocas. Seja cultural, informacional, emocional, política e social, comunicar é um direito básico porque passa pela capacidade de dizer qual é o melhor caminho, de posicionar-se, seja individualmente ou comunitariamente. É, pois, o que diz respeito às diretrizes que compõe a cidadania, no qual determinado grupo, etnia, ou margem social pode criar um sentido de pertencimento a algo ou lugar.

A comunicação audiovisual, por exemplo, pode ser desenvolvida no âmbito das comunidades, coletivos e afins, para além do interpessoal, mas também na criação de mecanismos de representação legítima dos anseios e desejos de determinado grupo. Ou seja, uma comunicação que nasça de dentro da comunidade para fora. A comunicação é um direito, mas para pensar em direito tem-se que problematizar o caminho que o faz efetivo, que o permite tornar-se palpável, ou seja, como esse direito está garantido ou não-garantido para a população em geral? Mas, frente a tantas problemáticas sociais que o Brasil vivencia, qual é a

² Nota pública da prefeitura de Boa Vista. Disponível em:
<<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2018/05/imigracao-venezuelanos-que-viviam-na-simon-bolivar-sao-levados-para-abrigos>> Acesso em 28 jun. 2018.

importância de se garantir a comunicação também para grupos minoritários, como os sujeitos imigrantes/refugiados?

Nos meios tradicionais o que se vê é a procura de um especialista que dê conta das problemáticas individuais dos imigrantes, mas os que realmente fazem esse trajeto físico e emocional do deslocamento, ficam em segundo plano. Muitas vezes, os imigrantes são convocados a dizer versões já padronizadas sobre o assunto, desconsiderando a diversidade migratória e as múltiplas capacidades interpretativas dos sujeitos refugiados nos processos narrativos.

Considerando que, na maioria das vezes, são as narrativas midiáticas que constroem os discursos de verdade, incluir as populações marginalizadas na produção de conteúdos comunicacionais garante a ampliação do repertório de interpretações e versões sobre a imigração em massa para o Brasil. Para isso, problematizamos o uso da câmera de vídeo como ferramenta trans-multi-metodológica para uma ressignificação comunitária de refugiados venezuelanos em situação de abrigo em Boa Vista/Roraima.

A imigração mesmo não representando algo novo no mundo é um desafio do século, principalmente no que se refere à recepção das pessoas que migram. Atualmente Roraima é o maior receptor da imigração em massa de venezuelanos para o Brasil, derivado da aguda crise político-econômica e o bloqueio financeiro que assola o país vizinho. Mesmo, como signatário em acordos internacionais de direitos humanos, o Brasil ainda adota uma postura de resistência a projetos que possam gerir de forma mais adequada esse fluxo constante de pessoas. Ou seja, não há um projeto de acolhimento apresentado pelo governo federal para diminuir os impactos de uma imigração em massa.

Essa omissão por parte do governo gera uma instabilidade social no estado de Roraima, fazendo com que se crie uma barreira entre o nativo e o estrangeiro. A mídia tradicional, por sua vez, cria uma imagem distorcida do ser imigrante/refugiado, na qual muitas vezes se direciona para uma narrativa que reforça às violências físicas e simbólicas da xenofobia.

Frente a esse contexto, ao trabalhar oficinas comunicacionais com a câmera de vídeo e os próprios sujeitos refugiados para que eles possam produzir, desenvolver e veicular suas próprias versões sobre a imigração no estado, a partir da sua experiência pessoal e suas vivências autênticas de deslocamento. Essa produção comunitária que reforça a cidadania se mostra relevante academicamente por propor uma devolutiva social para uma questão emergente no estado. Então, pensar a comunicação como um mecanismo para a democracia e a criação de uma identidade cidadã parece enfrentar diferentes fronteiras dentro do nosso

próprio território. Então, surge a questão: Como pensar o direito à comunicação como garantia ao sujeito migrante de representar seu espaço no embate de discurso? Canclini (2013) relembra que “a extranjería es también, en ciertos momentos, una percepción y una representación simbólica. Es la conciencia que surge de un desajuste, una momentánea pérdida de la identidad en la que tradicionalmente nos reconocemos” (CANCLINI, 2016, p. 2).

A possibilidade da expansão de uma comunicação mais heterogênea se faz possível com os entraves da nossa constituição, em grande parte, dentro do ciberespaço. Onde diferentes grupos e movimentos culturais passaram a produzir seu próprio conteúdo, e mesmo sem recurso, puderam veicular outros tipos de narrativas, com uma carga de representatividade mais ampla. Do mesmo modo, se consolida aos poucos entre os ativistas da comunidade o consenso no sentido de que a produção de discursos, a criação de narrativas e montagem de mensagens funcionais engendra um lugar político.

Por esse motivo, a comunicação comunitária e audiovisual ainda se apresenta como a utopia possível para a criação de um campo de discursos mais plurais e diversificados. É por meio desta pequena fissura que se abre a possibilidade de se ampliar horizontes.

A atuação em veículos comunitários pode ser compreendida como uma forma de funcionamento de uma comunidade gerativa, na medida em que se atua em consonância com estrutura comunitária em oposição à societária. Onde as relações são prioritariamente contratuais e menos marcadas por vínculos, como os que definem os laços comunitários. Igualmente, a produção comunitária parte do pressuposto político, seja ele um com viés educacional, resgate de uma memória de determinada população, seja cultural ou de resistência. O sentido de ser de uma produção comunitária é exatamente as demandas sociais e o preenchimento de lacunas de representatividade.

É possível, depois desse recorrido, observar que através da comunicação comunitária se faz possível o caminho da construção de outras narrativas, ressignificando a cidadania através da participação comunal e na atuação prática de produção de sentidos. Dialogando com as premissas entre o poder comunal e o poder comunicacional, se torna palpável a criação de um espaço para que os sujeitos migrantes criem diferentes histórias, mais plurais e transformadoras.

Dessa forma, é possível pensarmos em etapas metodológicas. No primeiro nível ou primeira etapa é o que caracteriza a aproximação com ideias, categorias e autores que discutem a temática dos processos migratórios na contemporaneidade. Esse momento consiste

na busca e a sistematização de dados sobre a migração venezuelana, com foco na mobilidade realizada por venezuelanos em Boa Vista, capital de Roraima.

As visitas a pontos estratégicos onde se dá a presença dos venezuelanos na cidade, especialmente, nos abrigos, constitui a segunda etapa. Nesse momento é importante a construção de um roteiro das oficinas de comunicação comunitária para os refugiados, no qual é realizada uma série de entrevistas para entender pontos necessários que irão contribuir para uma formação comunicacional. Essa construção é elaborada a partir da observação do ambiente, e análise das narrativas dos sujeitos sociais da pesquisa. Essa etapa é constituída pela elaboração coletiva das oficinas com os refugiados com a finalidade de identificar sensibilidades, situações que evidenciem os laços distintos e comuns à experiência migratória, por meio dos instrumentos de trajetória de vida.

Essas trajetórias a que se refere serão sistematizadas em entrevistas abertas, com captação não linear, para apreender a forma de construção das representações simbólicas no espaço cotidiano da vida privada e pública dos atores sociais na transfronteira.

A terceira etapa é o momento destinado as oficinas, com intuito de oferecer ferramentas para a elaboração de conteúdos comunicacionais e a utilização da câmera de vídeo, anteriormente apontadas pelos sujeitos. Simultaneamente às oficinas haverá a produção dos conteúdos conforme a deliberação do grupo em torno à linguagem que será utilizada, que pode ser em áudio, escrita, audiovisual ou em convergência. Diante disso, a metodologia se baseia numa pesquisa de caráter combinado com aspectos trans-multi-metodológicos na investigação de campo e a aplicação instrumental de técnicas comunicacionais e de vídeos participativos.

3. Perspectivas epistémicas para investigar com a câmera

*“El conocimiento no solo se articula en torno del audiovisual, sino que invita a reflexionar a través de el”
(Lorite-García; Grau, 2013, p. 153).*

Conectando a epistemologia transmetodológica com a perspectiva multimodal para trabalhar com a câmera de vídeo desenvolvemos algumas premissas. Avancamos o conhecimento usando os conceitos para articular as dimensões empíricas do trabalho com a câmera de vídeo.

O pesquisador guiado por essas perspectivas precisa desmistificar alguns paradigmas. A primeira é desfazer uma lógica hegemônica que busca apenas tirar proveito do

cientificismo capitalista para desenvolver uma ecologia científica, ou seja, colocar o conhecimento humanista como elemento central da pesquisa. Para Boaventura de Souza Santos (2006) é possível promover o diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento humanístico. Portanto, uma ecologia científica significa "não apenas entender o mundo ou explicá-lo, mas também transformá-lo" (2006, p.138, tradução nossa).

É fazer o conhecimento científico confrontar outros conhecimentos, reconhecendo a diversidade. Neste contexto, a partir de uma perspectiva multimodal, por conseguinte, a principal indicação deve ser aplicada por amostras representativas sob indicadores qualitativos e quantitativos, multivariada, alvos para divulgar o tratamento da diversidade das imagens gravadas para a partir daí, verificar sua aplicação e sugerir um tratamento adequado por meio de boas práticas inclusivas.

Na segunda premissa é necessário ter uma abordagem aberta à pluralidade. A razão deixa de ser instrumental e torna-se multilética, como preconiza Maldonado (2008), isto é, de múltiplos diálogos. Com a perspectiva multimodal podemos realizar entrevistas em profundidade com informantes e os maiores responsáveis da mídia local, observação de rotinas de produção e mesas redondas. A partir da emissão é necessário analisar uma amostra quantitativa-qualitativa de conteúdos informativos da mídia local selecionada. Desde a recepção é necessário realizar um levantamento entre uma amostra de tipos de cidadãos das localidades analisadas e os testemunhos dos responsáveis técnicos, políticos e estudiosos dos temas da diversidade cultural, a imigração e o multiculturalismo. Desde a revitalização é essencial para examinar os processos de dinâmica intercultural produzido pela mídia local aos seus diversos públicos, isto é, a relação entre pessoas de diferentes origens geográficas e identidades culturais heterogêneas.

A terceira premissa é que o pesquisador dotado de uma ampla visão epistêmica procederá à pesquisa e ao uso da câmera como prática de conhecimento heterogêneo. Nesse vínculo, existe uma práxis da renovação do conhecimento e, portanto, da constante criação. O desafio é romper com um conhecimento centralizador, não apenas na teoria, mas como uma prática constante do processo de pesquisa. Assim, é possível pensar em uma intrínseca audiovisual perspectiva fotográfica, música, publicidade, televisão, cinema e línguas extrínsecos, que são feitas a partir de outras áreas, como pedagogia, lingüística, antropologia, sociologia e política.

Para isso, é necessária quarta premissa como disciplinar posição construtiva e interdisciplinar, ou seja, confluências científicas devem servir para melhorar ainda mais as formulações teóricas e metodológicas que oferecem outras estratégias lógicas e

metodológicas. "Transdisciplinaridade tem como uma de suas condições epistêmicas para a realização de disciplina. É necessário estabelecer relações, trocas, convergências, cruces, / reformulações metodológicas teóricas (...)" (Maldonado, 2008, p. 37, tradução nossa). Você também pode desenvolver práticas de pesquisa explorando outras áreas e culturas (Maldonado, 2008, B. Santos, 2006).

Fazer com que o fluxo de sentidos científicos avance de outras visões socioculturais é a quinta premissa. No uso do audiovisual há uma infinidade de possibilidades para alimentar nossos dados de pesquisa. Assim, é possível pensar em comunicação em termos meta-metodológicos e meta-teóricos. Mas o que isso significa? Isso significa que, para avaliar, renovar, refletir e discutir criticamente, é necessário desenhar estratégias para resolver problemas com relevância conceitual e sociocultural. Em pesquisa com representação câmera de vídeo da diversidade em publicidade entrevistamos facilitadores das relações interculturais e ao reforço profissionais diversidade sociocultural dos meios de comunicação e informação, observatórios de racismo e xenofobia, associações de jornalistas, associações de publicidade, conselhos audiovisuais e outras instituições políticas e organizações sociais.

Para aprender a filtrar e organizar tanta informação, um esforço paradoxal para distinguir a comunicação é necessário - sexta premissa. Para isso é importante ter uma ideia sobre as especificidades da comunicação em termos sócio-históricos, ou seja, antes de registrar é necessário construir o problema de pesquisa, o referencial teórico de referência e algum material já registrado sobre o assunto em comunicação ou em outras áreas. Neste caso, de acordo com Lorite-García (2015, 2013, 2010, 2009, 2008, 2006) são considerados quatro estágios com certos critérios metodológicos: a) a realidade sociomediática local é investigado (a gestão dos meios de comunicação locais dinâmica produtiva, programação e conteúdo) e recepção; b) propõe-se aplicar uma série de medidas éticas, critérios produtivos e conteúdos da mídia local, acordados entre as diferentes entidades locais; c) monitoramento periódico da produção - emissão - recepção e dinamização; d) revisar os objetivos e ajustar as medidas propostas na segunda etapa, sempre pensando na dinamização intercultural e na melhor gestão da diversidade do meio ambiente.

Assim, cada problema/objeto requer detalhes específicos que só podem ser considerados se houver uma configuração metodológica diversificada. Esta sétima premissa deve ter a descrição dos procedimentos e técnicas desde a pré-produção, produção e pós-produção. Com o uso da câmera de vídeo como mediação tecnológica comunicacional ela deixa de ser instrumental para se tornar experimental. Isso significa que a tecnologia introduz

mais do que novos dispositivos, produz uma "nova forma de relação entre processos simbólicos" (Martín-Barbero, 2006, p. 54).

A outra é pensar os diferentes processos desta pesquisa e isso é essencial - a conjugação da oitava premissa - para um pensamento epistemológico crítico refletir sobre a construção do objeto do trabalho empírico. (Maldonado, 2008, 2006; Bachelard, 1981). O objeto empírico não é dado. É o resultado da interação das teorias, conceitos e explorações metodológicas da pesquisa em concreto. De acordo com Maldonado "o objeto empírico é uma construção, um resultado, não a priori, precisamos da mediação de pensamento, inseri-lo na lógica interna, a estrutura, a dinâmica no conteúdo profundo e processamento de movimento integrado". (2008, p. 39). Desta forma, Lorite (2015) aponta que a prática de usar a câmera requer técnicas de amostragem, dados dos entrevistados, plano de gravação, áudio, composição visual e observação, utilizando estratégias para a definição de todas essas técnicas de pesquisa.

Alguns indicadores multimodais de tratamento audiovisual apontados por Lorite no projeto *"Estudo multimodal da representação da diversidade na publicidade espanhola e efeitos interculturais em cidades mediterrâneas em tempos de crise"* é de verificar se os imigrantes aparecem nas imagens que tratam de notícias sobre eles e, caso apareçam, verificar se são tratados individualmente ou em grupo; veja que composição visual ou planos são usados para mostrá-los; verifique que tipo de plano é usado, em particular se os mostram no primeiro plano, plano médio ou plano geral, e o valor do plano: o primeiro plano o aproxima, o plano geral o distancia. O ponto de vista com a câmera é frontal, e, portanto, implica igualdade de tratamento dos imigrantes e o espectador.

Este desenvolvimento exige o investigador uma perspectiva heurística - nona premissa - ela é colocada "longe de correntes especulativas, abstratas e formais, propondo uma multilética combinando processo teórico e empírico práxis heurística descoberto, fabricações e formulações conhecimento " (Maldonado, 2008, p.40).

Finalmente, há um compromisso com a própria formação do sujeito/pesquisador deve desenvolver uma pesquisa não só para o mundo acadêmico, mas as mudanças para a sociedade, ou seja, "colocada no processo transcendental de civilizar mudança" (Ibid., p 41.) Portanto, é necessário explorar e experimentar novas formas de fazer pesquisa. "Isso só é possível se a cultura acadêmica deixar de privilegiar as lógicas burocráticas / administrativas e colocar a pesquisa como o eixo central da vida acadêmica". (Ibid., p. 42).

O ponto que temos alcançado com estas faixas é que a prática metodológica com a câmera de vídeo com as epistemes trans-multi-metodológicas requer os critérios de avaliação

sujeito-pesquisador de qualidade além da busca pela objetividade/confirmação, capacidade de validade/consistência e confiabilidade/credibilidade. Portanto, há um compromisso com a formação do sujeito/pesquisador que deve desenvolver uma pesquisa não só para acadêmicos, mas para a sociedade e, por isso, é necessário para explorar e experimentar novas formas de fazer pesquisa.

Abaixo desenvolvemos um resumo do que discutimos até aqui apresentando as premissas que compõem a transmetodologia articulando com a perspectiva multimodal para trabalhar com a câmera de vídeo.

Perspectiva transmetodológica		Perspectiva multimodal com o uso da câmera
a) Ecologia científica	situar o conhecimento humanístico como um elemento central da investigação	dar a conhecer o tratamento da diversidade das imagens gravadas para a partir disso, verificar sua aplicação e sugerir um tratamento adequado mediante boas práticas inclusivas
b) Razão <i>multilética</i>	desenvolver um enfoque aberto	com a perspectiva multimodal é possível analisar os discursos audiovisuais desde a produção, emissão, recepção e dinamização social
c) Visão epistêmica ampla	realizar a investigação como uma prática de conhecimentos heterogêneos	perspectivas audiovisuais intrínsecas com os linguagens fotográficos, musicais, publicitários, televisivos, cinematográficos e extrínsecas as que se realizam desde outros âmbitos, colaterais ao audiovisual
d) Confluência científica	ter uma postura construtiva transdisciplinar e interdisciplinar	investigar a representação audiovisual da sociedade de forma interdisciplinar (comunicação, pedagogia, linguística, antropologia, sociologia e principalmente política)
e) Bom sentido cultural	fazer os sentidos culturais se desenvolverem	junto aos profissionais que atuam nas rotinas produtivas da mídia e da informação, escolas de jornalistas, associações de publicidade, conselhos audiovisuais, observatórios de racismo e xenofobia e instituições políticas e organizações sociais, discursos audiovisuais, adequados e éticos, energizadores das relações interculturais e potenciadores do respeito pela diversidade sociocultural
f) Esforço Paradoxo de distinção	distinguir as problemáticas comunicacionais	antes de gravar é necessário construir o problema de pesquisa, o referencial teórico de referência e se já existem materiais gravados sobre o assunto na comunicação e em outras áreas
g) Configuração metodológica diversificada	assumir a problematização metodológica da investigação	descrição de procedimentos e técnicas em relação à recepção durante a pré-produção, produção e pós-produção
h) Construção do objeto empírico	desenvolver um pensamento epistemológico crítico	observação utilizando estratégias para a definição de técnicas de pesquisa e a prática de usar a câmera usando técnicas de

i) Perspectiva heurística	comprometer-se com a formação do investigador	amostragem, dados dos entrevistados, plano de gravação, composição audiovisual interpretação metodológica e análise de registros audiovisuais
j) Novos processos culturais	construção combinada com a sociedade	os resultados da pesquisa em conexão com esforços inovadores e avaliação de possíveis mudanças para a sociedade

Fonte: organizado pela autora.

4. Considerações finais

A análise multimodal é uma perspectiva metodológica que tem como enfoque compreender o tratamento da diversidade sociocultural. Isso quer dizer que a análise de conteúdo da mostra selecionada é complementada com o estudo dos processos de produção de ditos discursos, e ambos, a sua vez, com sua recepção em determinados entornos de população diversa e da análise dos processos de dinamização intercultural ou das relações entre as diferentes culturas autóctones e de origem migrante ou estrangeira.

Para Lorite-García (2015, 2013) o estudo multimodal deve trabalhar de forma quanti-qualitativa. O quantitativo permite avaliar, por exemplo, os estereótipos, tópicos, tendências socioculturais, signos de identidade e funções estéticas e compreender, assim, como aparece tratadas as migrações e em que se diferenciam da população autóctone, quais são os fenótipos, traços físicos e valores predominantes dos atores gravados. A partir do quantitativo se deriva ao qualitativo para reflexionar a representação audiovisual e textual desde a recepção. Aprofundando a comunicação intercultural propiciada nos novos entornos urbanos multi e interculturais tendo em conta os meios de comunicação.

Nesse contexto, a transmetodologia dialoga com a perspectiva multimodal oferecendo uma epistemologia adequada para construir o ‘problema de investigação’ junto ao uso da câmara de vídeo em três dimensões: a contextualização do problema/objeto situando em seus múltiplos contextos (científicos e humanistas); da investigação empírica como recurso metodológico; e da prática teórica como forma de trabalhar com as imagens de forma crítica e renovadora. Assim, é possível pensar que essas dimensões, ao convergirem, ajudam a estabelecer um uso científico da câmara de vídeo ao carácter multicontextual das investigações sobre as crises migratórias.

Com a perspectiva multimodal e transmetodológica é possível desenvolver alguns propósitos epistêmicos que ajudam a melhorar o trabalho com a câmara de vídeo no universo acadêmico comunicacional. Muitas das investigações em comunicação, especialmente aquelas

que ainda seguem modelos paradigmáticos, observam seus objetos apenas de uma forma e esquecem que as dimensões teóricas e metodológicas em uma investigação são sempre reconfiguradas de acordo com cada problema/objeto, ou seja, cada concepção teórica, estratégias metodológicas, interpretações e formulações são renovadas para cada investigação.

"Construir teoria e metodologia na comunicação, hoje, implica a realização de investimentos intensos de caráter cognitivo, lógico, experiencial, histórico e político" (Maldonado, 2002, s/p.). Essa citação nos faz pensar que a pesquisa científica em comunicação requer uma reconfiguração epistêmica que vai além, principalmente, da divisão artificial entre a dimensão teórica da dimensão metodológica. Para isso, é possível adotar uma perspectiva transmetodológica que combine propostas metodológicas mistas que inter-relacionem as construções conceituais com o elo multimodal, para que o pesquisador audiovisual possa utilizar o mesmo valor científico que o trabalho acadêmico textual com o uso da câmera de vídeo.

De acuerdo con Lorite-García (2015, p. 180) para que a comunidade científica perceba que "la cámara puede hacer ciencia hay que demostrar que se diseñan los planteamientos iniciales desde el método científico: se concreta el objeto de estudio y se perfila el primer planteamiento hipotético y la metodología cuanti-cualitativa".

Assim, não é possível adotar o cenário ou roteiro com uma abordagem determinística que isole o objeto de pesquisa das várias conexões que possam existir, ou seja, não é possível desenvolver um estudo que investigue apenas o objeto, mas os processos relacionados a ele, isto é, cada objeto requer seus próprios métodos que combinam o teórico e o empírico para construir o problema-objeto e vice-versa.

Uno de los objetivos principales del uso científico audiovisual de la cámara es el de la presentación de las conclusiones mediante un discurso, obra o documental que aborde los temas investigados mediante la teoría del montaje audiovisual que entrelace los materiales codificados en la base de datos con el mayor número posible de opiniones contrastadas de los principales actores implicados en la representación mediática de la sociedad. (Lorite-García, 2015, p. 180).

Assim, devemos entender o método da câmera de vídeo como um processo que está presente em diferentes áreas de pesquisa. Segundo Martín-Barbero (2006), é necessário passar da mídia para as mediações, ou até mesmo citar sua frase sintomática: é preciso perder o objeto para vencer o processo. "Mas, como vencer o processo? Uma possibilidade é ter a pesquisa empírica como recurso metodológico. Consequentemente, levando em conta a questão da rigidez metodológica, transmetodologia e perspectiva multimodal invertem o sentido tradicional de um único método para obter conhecimento.

Podemos pensar na construção de um documentário audiovisual como um processo que está sendo projetado e estabelecido em relação ao objeto, ao contexto, à teoria, à práxis e ao sujeito/pesquisador com a intenção de que a pesquisa seja realizada apenas em o conjunto desses diferentes processos.

Desde o final do século XVII, as disciplinas do pensamento social buscavam na rigidez científica, inspiradas no método cartesiano, um caminho para alcançar a verdade absoluta. Com isso, perderam a ênfase no processo e focaram nos resultados, separando o sujeito e o objeto do conhecimento. No contexto da ciência moderna, a distinção entre sujeito e objeto existe para garantir que o conhecimento produzido possa ser validado pelo coletivo da comunidade científica.

Portanto, isso não significa que as representações mudaram o método só historicamente, mas a produção científica em sua materialidade está preso no complexo rede de desenvolvimento histórico. Em outras palavras, a maneira de olhar, sentir ou prestar atenção a alguma coisa depende muito das condições do contexto histórico e cultural que vivemos. Assim, o uso da câmera de vídeo em uma ação judicial pesquisa teórica pesquisador práxis como um meio de trabalhar com imagens de forma crítica.

Que pode seguir os passos de Feyerabend (2007) observa que um inquérito não deve perder a sensação anárquica que cada indivíduo traz é sim, porque é este sentimento que enriquece o trabalho não pára todas as pesquisas são conduzidas da mesma forma e com um final premeditado. É claro, então, que "a idéia de um método fixo ou uma teoria fixa de racionalidade é baseada em uma concepção muito ingênuo do homem e suas circunstâncias sociais" (2007, p. 42)

Portanto, devemos pensar em uma prática teórica crítica para desenvolver uma gramática metodológica audiovisual, porque o que uma pesquisa renovadora faz são seus caminhos plurais que o pesquisador realiza no processo de pesquisa, propondo alternativas audiovisuais para a sociedade. Lorite-Garcia sugere que

es fácil criticar, por lo general de manera oral desde el sofá, el tratamiento racista, xenófobo y discriminador de los colectivos inmigrantes en la televisión, pero ya no resulta tan fácil proponer una alternativa audiovisual, un tratamiento televisivo adecuado. Dicha propuesta pasa por agregarle a la opinión, principalmente oral, que somos capaces de argumentar al visionar cualquier noticia televisiva, el tratamiento visual y sonoro adecuado (Lorite-García, 2015, p. 182).

No entanto, a compreensão da renovação do conhecimento, como vemos, passou por muitas fases e ainda está em transformação, em constante movimento, não apenas em fazer suas afirmações, mas também pela criação de pesquisas empíricas e originais.

No campo da comunicação, percebemos que certos modelos metodológicos deterministas estão sendo amplamente questionados, o que permite diferentes formas de se fazer pesquisa. Com isso, novas formas de pensar são constituídas e, com elas, outros processos metodológicos serão desenvolvidos. Este trabalho vê na perspectiva transmetodológica e multimodal uma possibilidade de renovação da prática investigativa com o uso da câmera de vídeo.

REFERÊNCIAS

BENITO, P. **Relatos y miradas en torno a la construcción de la ciudadanía**, Universidad Nacional de Educación a Distancia, UNED: 2015.

CANCLINI, N. **Las fronteras dentro de los países, las naciones fuera de su territorio**. Mexico: 2013

GORDILLO, I. **La fragmentación en el discurso audiovisual**. Disponível em: <www.hapaxmedia.net/ibercom/pdf/GordilloInmaculada.pdf> Acesso em 5 jun. 2017

HALMISTAD, V. **Cine sobre gente, gente sobre cine: Entre el documental televisivo y el académico**. STINT: Barcelona, 2003.

LIMA, V. **Em defesa da democratização dos meios de comunicação**. Comunicação & educação, Ano XIX, número 1: jan/jun 2014.

LÓPEZ, D. **Dramaturgia audiovisual**. Disponível em: <https://wiki.uab.es/> Acesso em 5 jun. 2017.

LORITE, N. y GRAU, J. Investigación audiovisual de las migraciones y el tratamiento de la diversidad en los medios de comunicación: un estudio de caso. En Granados, A. (Ed.) **Las representaciones de las migraciones en los medios de comunicación**. Madrid: Trotta. 2013.

LORITE, N. **La cámara como principal herramienta para la investigación audiovisual de los procesos de dinamización intercultural mediatizados**. Edição especial 20 anos do PPGCOM UFRGS, n. 34, set./dez, 2015.

_____. Informative Treatment of Immigration and Intercultural Dynamics Of Spanish Mass Media. In: URETA, I.(ed.) **Media, Migration and Public Opinion: Myths and Prejudices and the Challenge of Attaining Mutual Understanding between Europe and North Afric**. Oxford: Peter Lang, 2013.

_____. Televisión informativa y modelos de dinamización intercultural. In: Martínez Lilora, Maria (ed.). **Migraciones, discursos e ideologías en una sociedad globalizada: claves para su mejor comprensión**. San Fernando: Instituto Alicantino de cultura Juan Gil-Albert, 2010.

_____. **Los medios de comunicación como dinamizadores de la interculturalidad desde la doble mirada de Porto Alegre y Barcelona.** In: XIV Seminario APEC: Compartiendo el conocimiento. *Anales...* Barcelona: APEC., 2009.

_____. Discurso, inmigración y medios audiovisuales. In: BAÑÓN, A. y FORNIELLES, J. (Coords.) **Manual sobre Comunicación e Inmigración.** Bilbao: Gakoa, 2008.

_____. ¿Puede ser científica y objetiva la mirada audiovisual de la realidad migratoria? In LARIO, M. (coord.) **Medios de comunicación e inmigración.** Murcia: Convivir sin Racismo/Programa CAM Encuentro, 2006.

MALDONADO, A. E. **Transmetodología, ciudadanía comunicativa e transformação tecnocultural.** Edição especial 20 anos do PPGCOM UFRGS, (pp. 713-727) n. 34, set./dez., 2015.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa.** João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

_____. Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org.). **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Produtos midiáticos, estratégias e recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, n. 9, 20012.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Parecer Técnico nº 208/2017.** Populações indígenas; Direitos Humanos; Cidadania Indígena em Fronteiras Nacionais.

PATARRA, N. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais.** Estudos Avançados: 20 (57), 2006.

PERUZZO, C. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania.** Revista Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus, 2013.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SERRANO REVILLYA. **Narrar con imágenes.** EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. N.º 35, septiembre - diciembre, 2016.

SERANO PASCUAL, A. “**Investigación social con materiales visuales**”, Millan y SÁDABA, Igor (coord.) Metodología de la Investigación Social: Innovaciones y aplicaciones. Madrid: 2010.

SIMÕES, G.; CAVALCANTE L. CAMARGO, J. Resumo Executivo. **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF, 2017.

SÁNCHEZ, David Montero; DOMÍNGUEZ, José Manuel Moreno. **El cambio social a través de las imágenes**. Guía para entender y utilizar el vídeo participativo. Madrid: Catarata, 2014.